



# dicas do vestibular

## 🌀 História: palestinos e o Estado de Israel

Material elaborado pelo professor Antônio do Sistema de Ensino Energia.

### 1. Oriente Médio – berço das primeiras civilizações

O Oriente Médio foi o palco do surgimento das primeiras civilizações da humanidade. Civilizações são organizações mais complexas de convivência humana, pois, além de reunirem milhares de pessoas convivendo em limitados espaços urbanos, tiveram que criar originais manifestações culturais necessárias à nova realidade. Assim, de forma pioneira, foi no Oriente Médio que surgiram as cidades, os governos centralizados, as escritas, os códigos de leis, as grandes obras de arquitetura e engenharia, os navios a remo e a vela, as moedas, as noções científicas, entre tantas outras. Também foi no Oriente Médio que apareceram as primeiras e importantes religiões monoteístas, como o judaísmo, o cristianismo e o islamismo.

O desenvolvimento das civilizações orientais envolveu também o desenvolvimento do militarismo, que fomentava a cobiça de reis e imperadores e, assim, com tamanha riqueza, o Oriente Médio sempre ficou sujeito às inúmeras investidas militares de conquista por toda a sua história. Impérios de origem local, por exemplo, o egípcio, o assírio, o caldeu e o persa, conheceram momentos de glória para uns e destruição para outros. Impérios europeus, como o macedônico, o romano e o bizantino, também conquistaram enormes extensões territoriais no Oriente. O último grande império a ocupar a região foi o Império Turco-Otomano (1453-1918), e a sua desintegração, após o fim da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), deu início a uma série de problemas, que em grande parte estão relacionados às posteriores intervenções de potências ocidentais, por exemplo, Reino Unido, França e Estados Unidos.



Mapa do Oriente Médio.

### 2. Tratado de Sèvres (1918) e Protetorado Britânico na Palestina (1918-1945)

Os domínios otomanos no Oriente Médio foram entregues aos franceses (Líbano e Síria) e aos britânicos (Palestina e Iraque). O Egito, ex-território otomano, tornou-se independente em 1922, porém a zona do Canal do Suez só saiu do domínio anglo-francês na década de 50. Antes da Segunda Guerra (1939-1945), já tinham acontecido as independências do Líbano, da Síria, do Iraque e da Jordânia. A região da Palestina continuava como Protetorado Britânico (1918-1948), e nessa época a idéia de criação de um Estado judeu ganhou mais força por causa do movimento sionista.

### 3. Sionismo

Entende-se por sionismo (derivado de Sion, monte na Palestina sagrado para os judeus) o movimento político-religioso judaico iniciado no século XIX que pretendia o estabelecimento de um Estado judaico na Palestina. Idealizado na Inglaterra, fortaleceu-se na época do Prote-torado, onde milhares de famílias de judeus britânicos, de outras partes da Europa, e mesmo fora dela, passaram a migrar e a residir na Palestina.



Palestina.

### 4. Conflitos entre palestinos e judeus

Os palestinos nativos eram islâmicos (muçulmanos) e, mediante a crescente onda migratória de judeus, reagiram a partir do final da década de 20 do século passado, quando conflitos com mortes de ambos os lados começaram a acontecer. Com a perseguição dos nazistas aos judeus e com o Holocausto durante a Segunda Grande Guerra, a imigração aumentou e a causa pró-judaica ganhou repercussão e apoio internacional em detrimento da situação dos palestinos.

### 5. Partilha da Palestina e criação do Estado de Israel

Em 1947, a recém-criada Organização das Nações Unidas (ONU) votou a partilha da Palestina. A divisão tentou obedecer a critérios de distribuição demográfica, mas a disparidade populacional era enorme: pouco mais de 600.000 judeus para mais de 1.200.000 palestinos. Os palestinos, mesmo assim, foram prejudicados e contemplados com duas áreas menores: a Cisjordânia e a pequena Faixa de Gaza.

Logo após a aprovação da partilha e a retirada dos mandatários ingleses, o Estado de Israel foi proclamado em 1948 pela ONU, sem haver, no entanto, a preocupação desta em legalizar os territórios palestinos. Os islâmicos, tanto palestinos como os seus vizinhos, não concordaram com a partilha e, portanto, não reivindicaram a legalização das áreas da Cisjordânia e de Gaza como um Estado. Ao contrário, em protesto, invadiram o recém-criado Estado de Israel. Nesse primeiro embate, Israel acabou vencendo e, ao invés de se retirar para as linhas demarcadas pela ONU, ocupou outros territórios, expulsando os palestinos.

### 6. Novos conflitos

A cada nova guerra, mais territórios seriam anexados por Israel, como ocorreu em 1956 (Guerra de Suez), em 1967 (Guerra do Seis Dias), em 1973 (Guerra Yom Kippur) e de 1982 a 1990 (Guerra do Líbano). Os territórios palestinos de Gaza e da Cisjordânia, o Sinai do Egito e as Colinas de Golan, na Síria, foram ocupados por Israel. Em 1979 o Sinai foi devolvido ao Egito.

Tais conflitos foram envolvidos pelo clima da Guerra Fria (1945-1989), na qual, de um lado, a extinta URSS apoiava a causa árabe, e, de outro, Grã-Bretanha, Estados Unidos e França apoiavam Israel. Em 1964, foi criada a Organização para a Libertação da Palestina (OLP) sob a liderança de Yasser Arafat.

### 7. Acordos para a paz

Somente com o fim da Guerra Fria e com as intifadas (revoltas populares espontâneas dos palestinos contra o poderoso exército israelense de ocupação) é que as negociações de paz culminaram nos acordos de Oslo (1993-1994) entre Arafat (OLP) e Yitzhak Rabin (Israel) para a devolução dos territórios ocupados. O assassinato de Rabin e o aumento da ofensiva de ambos os lados, principalmente com a atividade terrorista de homens-bombas antilrael, comprometeram a desocupação de Gaza e da Cisjordânia. Mesmo assim houve alguns progressos com a retirada de tropas israelenses e de colonos judeus de Gaza e a retirada de soldados israelenses da Cisjordânia e do sul do Líbano. Os assentamentos de colonos judeus na Cisjordânia ainda são mantidos, assim como a ocupação das colinas de Golan, na Síria.



Yasser Arafat e Yitzhak Rabin.



Rabin, Clinton e Arafat em Washington.

### 8. Hamas e Hezbollah

Com a retirada dos soldados israelenses, grupos terroristas anti-sionistas (que não aceitam o Estado de Israel) se aproveitaram para se estabelecer nos territórios desocupados. Alguns agem de forma independente, porém há suspeitas de que outros tenham vínculos com a Al Qaeda ou com governos e organizações antilrael do Oriente Médio. Atualmente se destacam o Hamas e o Hezbollah por se encontrarem mais organizados e atuantes em prol de sua causa. O Hamas (sunita) montou sua base de atuação em Gaza, e o Hezbollah (xiita apoiado pelo Irã) se instalou no sul do Líbano. Políticos relacionados ao Hamas venceram por esmagadora maioria as primeiras eleições para o parlamento palestino, ocorridas em janeiro de 2006. Em junho, um grupo radical palestino da Faixa de Gaza, provavelmente vinculado ao Hamas, invadiu Israel, matou dois soldados e seqüestrou um terceiro. Em julho, o grupo Hezbollah invadiu a fronteira israelense pelo Líbano, matou oito soldados e seqüestrou outros dois. Israel respondeu com bombardeios maciços à capital Beirute e a outras cidades libanesas.



Grupos terroristas.

### 9. Guerras no Líbano

Desde 1967, mais de um milhão e meio de refugiados palestinos se estabeleceram no Líbano juntamente com a OLP, que de lá atacava Israel. O governo de Israel, em resposta, começou a intervir no país em 1978, onde criou uma zona de ocupação militar mantida até o final do século passado. A Guerra do Líbano na década de 80 praticamente destruiu todo o país, que começou a se reconstruir a partir da década de 90. Desde julho deste ano, as novas investidas de Israel contra o grupo Hezbollah, juntamente como os ataques dos terroristas, já causaram a morte de mais de mil pessoas, quase todas civis libaneses. Além de milhares de feridos, os danos materiais são incalculáveis e estima-se que serão necessárias pelo menos mais de uma década para reconstruir o Líbano novamente.



Vítimas da guerra.